

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Amaral, Claro Monteiro do. 1902. Memoria sobre usos e costumes de indios Guaranys, Caiuás e Botocudos. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, Tomo LXIII, Parte II, p. 263-273.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/amaral_1902_memoria

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/index:contato>

O presente trabalho, extraído de volume digitalizado pelo projeto Google Books, foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em julho de 2010.

REVISTA TRIMENSAL
DO
INSTITUTO
HISTORICO E GEOGRAPHICO
BRAZILEIRO
FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LXIII

PARTE II

(3º e 4º TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos

Et possint serà posteritate frui



RIO DE JANEIRO
IMPRESA NACIONAL

1902

4498

MEMORIA

SOBRE USOS E COSTUMES DE INDIOS GUARANYS, CAIUÁS E BOTOCUDOS

Capital Federal, 11 de julho de 1900 — Exmos. Senrs.
Presidente e Mais Socios do Instituto Historico.

Sendo um dos fins patrioticos desse benemerito Instituto o estudo da ethnologia e ethnographia brazilicas, estudo que um dia virá dar solução definitiva a magnos problemas anthropologicos e até glottologicos — seria desconhecer os relevantes serviços de tão util e operosa instituição, se a outrem offerecera sta modesta memoria, fructo de escrupulosa observação.

Com venia, pois, deposito nas mãos de VV. EExs. este modesto etrabalho, apoucado material para o estudo dos nossos indios, infeliz raça 400 annos perseguida e ainda muito pouco estudada.

Deus Guarde a VV. EExs.

CLARO MONTEIRO DO AMARAL,

Antistite urbano.

Já tive occasião de dar noticia minuciosa dos botocudos do valle do Rio Doce, venho agora me occupar dos guaranyS, caiuás e botocudos de S. Paulo, valle do Paranapanema. Devo notar, porém, que a qualificação de botocudos é dada aos caiuás e coroados de S. Paulo peios restos de guaranyS domesticados. Delles ouvi tal denominação quando se referiam aos caiuás ou coroados suppondo que tal vocabulo corresponde em protuguez o seu caiué.

Esses restos de guaranyS conservam com orgulho o nome de sua legendaria tribu, usam a lingua geral com as transforma-

ções phoneticas identicas ás notadas no Amazonas pelo Exmo. Senr. D. Aguiar. Assim dizem *avá* em vez de *abd*, *nhiin* por *nheen* etc.

Os cauás fallam igualmente a lingua geral, com as mesmas modificações phoneticas, distanciando-se dos guaranys apenas por sons mais abertos e arrastados.

O vocabulo *caiuí*, ainda que na bocca do guarany exprima tribu differente da sua, significa radicalmente = *gente do matto* (caá-iaú = caá-iguá.)

Todo e qualquer indio é expresso entre elles por « cáguirupigú »¹ = gente das selvas (caáguy-rupi-iguá) em opposição a árupigú (gente contraria, maldosa), nome dado aos brancos. Tambem chamam a qualquer indio de iupóre¹ (naturaes da terra).

Tanto guaranys como cauás dão á sua lingua o nome de *Tanhiingwá* = a falla de gente; e interrogados por mim se conheciam *avá-nhiin* e *nhiingatú* e que differença havia entre os dous vocabulos responderam-me que eram outros nomes de sua lingua, e a *mesma cousa* que *Tanhiingwá*.

Os indios que visitei acham-se localisados entre os rios Verde e Itararé, sendo uma parte descendente da antiga aldêa e catechese fundada pelo barão de Antonina. Estão divididos em tres grupos: dous de cauás e um de guaranys.

O grupo dos guaranys está hoje reduzido a seis familias por ter sido dizimado pela variola em novembro e dezembro do anno proximo passado. E' um execravel episodio da crueza dos civilisados para com os infelizes indios.

Victimas de incursões e depredações em seus terrenos e propriedades, não só por direito de *Primi capientis*, mas por *deixa* do dito barão, o capitão acompanhado de dous companheiros foi a S. Paulo pedir providencias ao governo e dalli veiu a esta capital, onde grassava intensa a variola. De volta aos seus penates levou incubada a variola, que foi semear a morte entre os seus. Constando em Fartura e Itaporanga a existencia da

¹ O i gryphado representa o phonema proprio da lingua geral.

variola entre os indios, foi-lhes intimada a ordem de não sahirem dos seus terrenos sob pena de morte. Sem conhecimento da enfermidade, sem medicamentos, nem recurso algum, de cento e tantos atacados apenas escaparam seis. Os recursos therapeuticos de que lançaram mão de nada lhes podia valer, pois bebiam chá de folhas de pão d'alho e sangue de drago, que lhes occasionava accessos violentos de vomito. Assim pereceram tantos brasileiros, victimas da deshumanidade dos chamados civilisados, servindo seus corpos de pasto ás alimarias!!! Como bem nos calha a qualificação que nos dão elles de *Arupigud*!

Quando lá cheguei havia cessado a epidemia e só encontrei os seis que haviam sarado, achando-se os outros foragidos. Depois de uns quinze dias, constando-lhes minha estada no lugar, começaram a voltar e fui por alguns dias testemunha de scenas cruciantes. Mais de meia hora antes da chegada de cada familia ouvia eu os gritos de dor e os gemidos daquellas almas penalizadas pelo desaparecimento dos seus. Ao chegarem os gritos e gemidos generalisavam-se e arrancavam-me lagrimas de compaixão por aquellas infelizes vitimas da fereza dos civilisados.

Usos. Costumam estes indios cantar ao anoitecer e ao despontar o dia. Entretanto, nem todos cantam, mas poucos, que constituem uma especie de inspirados. Taes cantos são orações infantis, proprias de intelligencias embryonarias. Alguns exemplos frisarão sufficientemente esta affirmção.

Entre os cantos que ouvi dos guaranys que consegui apanhar em um graphophono, citarei este bem expressivo : « *Xerú uussú, nhandê jára pan-uém oré momãno ucdé i-hun-d orev poray mê-ê-há.* » Onde o indio dá a Deus nome de pae, devido provavelmente a algum resto de catechese, e declara que o mesmo Deus lhes recommenda que cantem. Pela infantilidade accrescentamos o seguinte bastante curioso : « *xerú mboaci aguéy aopi-pôta.* »

Os cantores são sempre homens, as mulheres apenas emittem sons em voz de tenor ou soprano formando acompanhamento ao canto.

Em dias de satisfação o canto é acompanhado de dança, e de *baracá* tocado pelo homem e *taquá* pelas mulheres, nos outros dias apenas pelo *baracá* e *taquá*.

O *baracá* é uma cabeça esphérica ou oval, cheia de grãos com um cabo que o cantor chocalha uo agita segundo o canto produzindo nm chá-chá continuado.

O *taquá* é um canudo de taquára aberto em uma extremidade, com que as mulheres marcam o compasso batendo contra o chão a extremidade que conserva o nó, produzindo um pung-pung cadenciado.

A toada do canto é de uma monotonia triste e ás vezes solemne.

As danças que em sua lingua denominam *jagiroqui* consistem em uma troca mais ou menos cadenciada de pés executada pelo cantor acompanhada de pequenos saltos em frente ás mulheres que por sua vez apenas acompanham o som do *taquá* bamboleando o corpo verticalmente com impulso produzindo flexão dos joelhos e tornozelos.

Ha, porém, modalidades na mesma dança em que as mulheres se movem do lugar, onde se acham fixas e entrelaçadas umas ás outras pela cintura. Assim quando dançam o *nhanhimbogeré* desprendem-se e saltitantes fazem uma volta até reoccuparem seus logares; no *nhanhimangá* destacam-se duas e separando-se entre duas filas de homens e mulheres, sempre saltitantes, trocam as posições repetidas vezes e voltam aos seus logares, sendo substituidas por outras duas, até que todas passem; no *jôjê-at-sá-sá*, destacam-se quatro mulheres, duas a duas e occupando o meio das filas se entrecruzam saltitantes repetidas vezes e revezam-se até a ultima.

O movimento ondeante e saltitante do corpo nas danças dos guaranys e cahicoás é identico ao que observei entre os botocudos Rio Doce, identica é a separação entre homens e mulheres e o respeito mutuo. O que é perfeitamente comprehensivel, uma vez que elles ligam a taes actos significação de culto religioso.

Tive occasião de observar que havendo mais de um cantor inspirado na reunião cada um por sua vez vai dirigir a dança e cantar, começando pelo chefe da choupana ou pelo mais autorisado d'entre elles, tomando parte todos n'um canto final que é cantado pelo que iniciou o canto e dança. Este ultimo canto não é acompanhado de dança: é uma especie de despedida e agradecimento.

Baptismo. Existe entre estes indios um baptismo, que me parece vir da antiga cathechese colonial. O recém-nascido é levado á choupana do chefe ou pagé (si este existir) pela madrugada, recebendo ahi o baptismo com agua apanhada no rio, em vaso novo na mesma madrugada, addicionando-se á agua cascas de cedro. Aspergem as espaduas da criança pronunciando formula identica a christã, impondo-se um nome á criança e conservando-se durante a cerimonia uma vela de cera virgem accesa. Os nomes que recebem em tal occasião são proprios da tribu e assim são chamados na tribu ainda que mais tarde recebam o baptismo catholico e nome christão. Nestas condições conheci em Avaruiá, Nemondiá, Moncoí, Paracáu, Avanhimangá, que na pia receberam o nomes de Manoel, Francisco, Francisco, José, Evaristo.

A fórmula verbal do baptismo apresenta-se com modalidades, assim ouvi estas tres: 1ª *Eru nderaiy ta mongaray, hanterú recopi, talá ndi* (De teu pai filho sim baptiso de nosso pai em nome da luz); 2ª *A mongaray eru nderaiy, hanterú recopi, talá ndi*; 3ª *A mongarayta nhanderú recopi, nderaiy talá ndi* (Em baptiso sim de nosso pai em nome do teu filho, da luz).

Curas por meio de suggestões. Os cantores gosam da reputação de curar doenças, mediante canto entremeiado de phrases proferidas com energia e decisão, que inspirem confiança no paciente.

Só observei factos em que o paciente era mulher.

O cantor acocora-se junto da enferma, com seu *baracá*; o mesmo fazem as mulheres que costumam acompanhar o canto, todas com seus *taquás*, e começa o canto, que é interrompido ou para o cantor proferir palavras de animação e confiança, ou para passar a mão sobre a parte doente e logo, voltando-se ora á direita, ora á esquerda, bater as mãos encovadas uma contra a outra ou ainda para fazer insuflações no rosto da enferma; — seguindo-se novamente o canto.

Acreditam piamente no effeito de tal cerimonia, que, como se vê, é pura suggestão.

Algumas vezes empregam tambem uma vela de cera virgem accesa, em taes actos.

Nada posso dizer sobre a efficacia de taes suggestões, porque as enfermas assim tratadas, doentes de febre palustre, foram por mim curadas com quinino e uma, que enfermou em minha ausencia, morreu.

Moralidade. Não ha entre os indios do Rio Verde, com residencia no meio da tribu, prostituta alguma. Si alguma falta á fidelidade a seu marido, é abandonada e, si se desmanda, é alijada fóra da tribu.

Casam-se logo que chegam á idade da puberdade e entre parentes proximos. Só não ha casamentos entre parentes consanguineos de 1º gráo de linha collateral e nos differentes gráos de linha recta.

Adoptam a polygamia successiva, guardando o maior acatamento e respeito ao thalamo alheio e á honra das donzellas.

Mais de uma vez recommendando-lhes eu assumptos de moralidade, respondiam-me promptamente : « nós não praticamos taes actos, sua gente é que faz isso ». Infelizmente diziam a verdade, o que muito me envergonhava.

Usos diversos. Nas viagens o indio só carrega suas armas de caça, tudo o mais é carregado pelas mulheres um sacco pendente de uma alça, que passam pela testa, ficando o sacco nas costas. Os filhos, si muito novos, carregam á ilharga, atandoo-os a tiracol; se são mais taludinhos, trazem-nos assentados á carga que tem ás costas e abraçados ao pescoço.

Tocem com summa habilidade saccos de fios tirados da folha da palmeira tucúm (*astrocarium vulgare*, Mart.) — redes de fios extrahidos da casca da urtiga gigante, — magnificos tecidos de taquara : esteiras, cestos de diversas formas e tamanhos com variados bordados, etc.

Um costume notamos que tem sido adoptado pelos brancos ou civilizados em contacto com estes indios, é o que chamam — lascar os dentes. — Depois de terem os dentes formados submettem-se á dolorosissima operação de lascar os dentes da frente de modo a tornal-os agudos em forma de serra.

Em consequencia deste barbaro costume perdem os dentes da frente antes dos vinte annos, como tive occasião de observar em todos os moços tanto indios como brancos que tal operação

soffreram. Disseram que assim praticam, afim de conservarem os dentes, do que a experiencia já os teria desilludido: — acreditado portanto que assim procedem porque acham bonito.

Celebram annualmente a festa do *Amongaray*.

Reunidos todos os indios sob seu chefe, preparam agua com casca de cedro, illuminam a choupana com velas de cera virgem e procedem á cerimonia de molhar as espaldas dos homens com dita agua no meio de canticos e danças por espaço de tres noites. No local destinado ás danças e cantos existe uma cruz sempre de cedro fncada a um lado.

Os indios de que trato plantam milho e abobora em pequena escala e já começam alguns a criar animaes domesticos, particularmente porco e gallinha. O milho (*avaty*) de que fazem uso, é amarello, ou roxo, ou rajado com a palha roxada. Na sua simplicidade disseram-me que tal milho era differente do usado pelos brancos, e só do indio, porque Deus lhes deixara para alimento. De facto a qualidade é muito distincta das diversas especies usadas pelos civilizados.

Não desgostam o sal, mas só fazem uso d'elle, quando se lhes dá.

Sendo seus terrenos muito frequentados por caçadores dos arredores e portanto escasseando este recurso para a alimentação, teem estes indios tratado um pouco mais da cultura do milho, batata doce e vão ensaiando a cultura do feijão e arroz.

De preferencia plantam o milho e abobora, porque, mesmo sem limpar a roça, conseguem colher o necessario para sua parca alimentação.

Trabalham de jornal nas propriedades vizinhas, mostrando-se habilissimos derrubadores de matta virgem. Infelizmente, porém, são muito mal remunerados. Os proprietarios não só pagam-lhes com aguardente, mas outras vezes contentam-se com dar magras refeições durante os dias que trabalharam áquelles infelizes parias em sua terra, que não teem garantia nem para reclamar o fructo ou preço de seu trabalho, porque, si timidamente pedem o que lhes é devido, crua ameaça os reduz ao silencio. Como é cruel o direito do mais forte!

Entre estes indios encontrei a mesma apathia e a mesma apparente indifferença ás cousas mais admiraveis, e que mais

lhes impressionam, o que já havia observado entre botocudos do Rio Doce e Xerentes de Goyaz. No seo exterior apenas transpira a desconfiança e a indiferença, e difficil se torna saber quando uma cousa agrada ou não ao indio, porque o seu olhar nada exprime.

Quando a gente se lembra que é isto effeito de 400 annos de perseguições atrozes de tropelias sem numero e sem nome, praticadas pelos brancos em nome da civilisação, comprehende logo a difficuldade destes infelizes em acceitar a nossa vizinhança e nossa amizade perigosa e para elles calamitosa.

As crueldades praticadas por indios são pallidas represalias das atrocidades e infamias contra elles praticadas pelos brancos, que abusam da hospitalidade, da timidez, da ignorancia e da fraqueza daquella pobre gente. Respeitam e zelam mais da vida de um cão do que da de um indio. A chronica de nossos afamados sertanistas passados e presentes é um escarro cuspidto á face da civilisação,

Estes indios do Rio Verde já se vestem com bastante decencia, têm suas choupanas tão regulares como as dos civilisados, que delles tomaram a habilidade de cobrir choupana com taquára partida, de que extrahem a parte dos nós que ficam dentro dos canudos. As choupanas que encontrei eram no maximo cercadas de páos roliços e a pique ao que o povo do interior dá o nome de *barroteado*, chamando os páos á pique de barrotes. Vi choupanas de grandes proprietarios civilisados inferiores ás de algumas familias indigenas.

Dormem estes indios, como os outros que tenho visitado, deitados no chão sobre folhas de palmeiras, todos amontoados com os pés para o lado do fogo, mas cada familia faz o seu fogo.

Contam até quatro (petei, moncõi, boapi, irundi); alguns, porém, mais em contacto com os civilisados, contam até sete, para fallar 6, dizem tres mais tres (boapi mguég boapi); para 5, — 4 mais 1 (irundi mguég petei), — para 7, dizem quatro mais tres (irundi mguégboapi).

Ainda uma observação. Notei que taes indios ligam apreço mysterioso ao cedro, entretanto não me foi possivel desvendar o mysterio ou a crença delles, a respeito.

Curiosa é a crença delles na origem da fecundidade humana e que pode ser um resto da antiga e já desfigurada doutrina recebida dos catechistas.

Existia um casal que vivia irrnãmente. Uma vez deitados os dous, desprendeu-se da luz do céo uma faisca ou gotta de fogo, que veiu cahir sobre elles e dahi em diante lhes appareceu o desejo de procreação e a fecundidade.

Quanto ás crenças primitivas dos nossos indios não é facil decidir, pois ellas se acham hoje modificadas mais ou menos por corruptelas de verdades christãs, devido ás relações constantes dos indios com os christãos e a fuga de indias christianisadas do meio dos civilisados para as tribus selvagens.

Uma cousa, porém, é indubitavel. Crêm todos na existencia dos dous principios—bom e máo, na existencia e immortalidade da alma.

A crença na immortalidade da alma evidencia-se da superstição que até hoje tem elles e os seus descendentes civilisados os caipiras, pelo passaro vespertino chamado no sul *coreango* e no norte *caboré*; entretanto ambos os nomes exprimem substancialmente a mesma idéa, pois *coré-ang* significa *alma que existiu e caapóra-ré*: — *depois moradora do matto*. Donde se pôde concluir a crença na transmigração das almas.

E' certo que muitos indilogos dão ao vocabulo *caboré* signi-ficação identica á *capóra*, sem repararem no absurdo phonologico, pois as leis phonologicas não toleram a transformação de *pora* em *boré* ou *poré*. Demais o phonema *re* é um vocabulo raiz na lingua indigena, que serve ora de prefixo, ora de suffixo e até de infixo, muito distincto do phonema *a* breve.

Portanto *caboré* só pode significar — *depois moradora do matto* ou differente da moradora do matto.

Accresce que os indios acreditavam na existencia da capóra, e ainda acreditam, portanto os dous vocabulos capóra e caboré não podem ser identicos.

Demais os botocudos do Rio Doce, cujo dialecto tanto se distanciou da lingua geral, da qual apenas conserva vestigios e a construcção, dão ao dito passaro o nome de *passaro vento* ou *leve* ao mesmo ligam idéa religiosa, figurando em seu canto religioso.

Agora me seja licito oppor algumas duvidas á theogonia dos indios, exposta pelo notavel e sabio indioologo e indianista Couto de Magalhães, verdadeira gloria patria.

Para justificar sua affirmação acerca da crença na divindade do sol e da lua, aquelle indioologo explicou os vocabulos *Guaracy* ou *Coaracy* ou *Aracy* (sol) e (*Jacy*) (lua), como dizendo o primeiro, *Mãi dos viventes* e o segundo *Mãi dos vegetaes*.

Examinemos os elementos morphologicos dos dous vocabulos. *Aracy faci*, pois *Guaraci* e *Coaraci* são apenas *Araci* com o prefixo determinativo que é o phonema guttural graphado de dous modos differentes e correspondem ao nosso artigo *o. a, etc.*, bem assim *o j e h aspirado* são modos de graphar o mesmo determinativo.

A raiz de ambos os vocabulos é *A* ou *Ar*, que significa *nascer*, *cair*, *vir*, etc. ligada com o suffixo substantivador (relevem a expressão) — *a* temos substantivo para exprimir o que nasce, o que vem, etc. — *o dia*. O suffixo *a* na lingua geral tambem substantiva palavras, junctando à raiz ou thema a idéa de autor, productor e assim *ara* significaria — o que produz o nascer ou productor da vida — *o dia*.

Temos na lingua dous vocabulos homonymos *ci* substantivo e *ci* verbo que alguns grapham *cig*. O substantivo significa *mãi*, origem; o segundo significa *ser unido*, *assimilhar-se*. O substantivo *ci* agglutinado a *ara* dá *araci*, a *mãi do dia*, verbo agglutinado ao verbo *a* produz *aci*, — *irmão*, *pedaço* (*nascer semelhante* ou *junto*), precedido do demonstrativo *j* temos *jaci*, — *pedaço d'elle*, *irmão d'elle* ou o *pedaço*, o *irmão* (*do sol*). O que está de perfeito accordo com o vezo de tudo concretisar dos indios.

A proposito de interpretação dos vocabulos indigenas e da sua theogonia vem a pello expor o vocabulo *tupã* — *raio*, comparado com *tupãna* — *Deus*.

Tive occasião de verificar bem esta differença entre os indios do Rio Verde, o que confirma a existencia do suffixo *a* exprimindo o agente, a causa, já observado pelos nossos mais sabios indioologos.

E' notavel e importante que os descendentes de indios ou mestiços do interior do Ceará conheçam o *baraçã* com nome e fim

identicos, o que prova identidade dos antigos indios daquelle Estado do Norte com os de S. Paulo. O uso deste instrumento segundo as antigas chronicas e roteiros era geral no Brazil, sendo este facto digno de verificação entre as tribus actualmente existentes.

Resta-me dar descripção physica destes indios.

Os homens excepcionalmente attingem a 1 6 decimetros, de altura, as mulheres ainda menos. Teem elles o tronco fornido, thorax largo e achatado na face anterior, pernas delgadas, mão e pés bastante pequenos e delicados. As mulheres teem geralmente seios abundantes, tornando-se pellancosos quando comecam a envelhecer ou passam da mocidade.

Geralmente a fronte é baixa e ás vezes inclinada para trás, o occiput deprimido, as temporas um tanto convexas, a face alongada com os pomos bastante salientes e os supercillios accentuados, os olhos um tanto obliquos, formando angulo obtuso, cabellos bastos, negros e rijos, barba geralmente muito pouca e esta no labio superior e no queixo, olhos pretos e vivos, geralmente pequenos.

As mulheres comem uma especie de orchidea, que se encontra em logares humidos e sombrios, dizendo ser util ao incommodo produzido pela menstruação.